

CARANDIRU. ESTRANGEIRO SOBRE A TERRA

texto: Milton José de Almeida *

fotos: Alan Russo **



Eu sou estrangeiro sobre a terra.
Ameaço os orgulhosos.

Afastei de mim a vergonha e o
desprezo, e dilatei meu coração.

Eu segui o conselho dos ímpios, deixei-me transportar por eles e sentei-me no bar dos insensatos, não meditei a Lei.

Sou como a árvore plantada no deserto, não dará frutos e suas folhas sempre cairão, palhas dispersas pelo vento.

Nunca estive na assembléia dos justos, minha via é a ruína.

A mim parecem reservados os abismos.

Mais numerosos que meus cabelos são os que me odeiam.



* Professor na Faculdade de Educação - UNICAMP, coordenador do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO

** Aluno de História - UNICAMP, pesquisador do OLHO



Uma cidade inteira me olha com medo.

Seus ouvidos não escutaram a minha voz, não me obedeceram e eu me abandonei à dureza dos seus corações.

Com minhas mãos os apertei até que jorraram.

Seus olhos não me olharam, trespassaram, espadas de gelo. Eu os atravessei, faca de ferro.

Gritaram a mim na angústia e eu os libertei.

Libertei-os do peso que carregavam, tomei-lhes a cesta. Mergulhei-os na água sem fim.

Espero ver os prodígios.

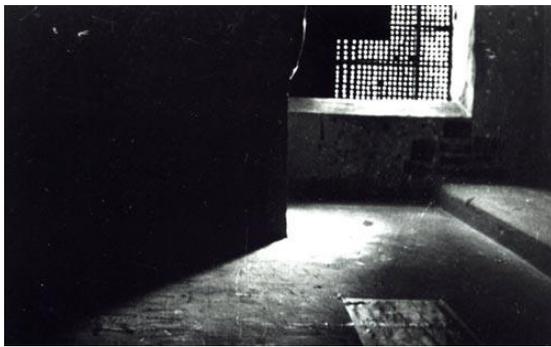


Esta é a minha casa.

Seus móveis não têm nome, servem ao que se quer. Aqui não se quer.

Daqui o desejo tem a distância da parede.

Colocaram veneno em minha comida e quando tive sede me deram vinagre.



A mesa foi para mim uma armadilha, para eles um banquete.

Vomito sobre eles meu desprezo, levo a eles minha ira ardente.

Que as suas casas sejam desoladas, sem habitantes as suas tendas.

A visão.

Ontem eu sonhei, estava na mata, um caçador me perseguia.

Eu fugia, fugia. Os galhos me rasgavam.

Eu sabia porque estava fugindo. O caçador gritava: não adianta, não adianta.

E eu escutava o assobio do chicote.

Aí não estava mais na mata, estava na rua em que eu moro e vejo minha casa.

Ela explode, os blocos de cimento voam.

De novo na floresta, escuto o caçador: não adianta nem escudo nem couraça, quando chegar a noite os terrores te atacarão, de dia as flechas te alcançarão.





A peste vaga nas trevas, o extermínio ao meio dia.

De novo na minha rua, vejo minha casa.

Ela explode em mil cacos de bloco. Caem ao meu lado, e mais outros mil. Nenhum me acerta.

Vou em direção a ela. A rua está cheia de ratos, lagartos e cobras.

Continuo. Leões e dragões vêm a mim.

Quero chegar na minha casa, mas não a vejo mais.

Corro, corro. Me bato nas pedras.

Leões e cachorros enormes me atacam. Latem, latem. Muito barulho, muito barulho. Vou tropeçar.

Escuto sirenes vindas de todos os lados. Caem sobre mim milhares de penas, penas, penas.



E sob essas asas eu descanso.



A aliança.

Hoje ele está aqui.

Me abraça com suas asas escuras e diz: eu serei teu refúgio e tua fortaleza, te liberto do laço do caçador e da peste que destrói.

E diz: a tua fidelidade será escudo e couraça.

Eu digo: quando me dará proteção? E digo: mesmo em meio à fumaça observarei as palavras da tua boca.

Diz: verdades serão todas as minhas ordens.

Digo: Se a tua lei não for a minha alegria, ela será minha miséria.

A tua tribo é minha morada.

Eu penso: antes de ser humilhado eu errava, mas agora obedeço tuas palavras.

Na Assembléia eu ouvi.

Ele disse: a conduta e a Lei.

Eu ouvi, fiel, com meu coração sincero, caminho pelo seu caminho.

Eu disse: o teu decreto, a minha proteção.

Eu disse: abra-me os olhos, não me abandone.

Como poderá um homem levar a vida sem mistura?

Eu ouvi: obedece, proteja as tuas palavras.

Meu rosto não ficou vermelho.

As tuas ordens são minha alegria e meus conselheiros.

E com meus lábios enumerei todas as ordens da sua boca.

Saí da assembléia dos malditos, e com ele, parti para a Cidade.

Ele ordenou que as rãs invadissem as casas dos justos, dos orgulhosos, dos insolentes.

Que enxames de moscas cobrissem os telhados.

De nossas mãos brotaram granizos e relâmpagos.

Em cada rua por onde passávamos, nos precediam os gafanhotos e nos seguia o escorpião do deserto.

Em cada casa matamos o primogênito.

De cada casa fizemos saírem com o ouro e a prata.

Ele os faz tremer de terror, eles temem os seus decretos.





Enquanto gritavam pelos pássaros do céu, os golpeamos como se golpeiam pedras no deserto

e de cada um escorreram rios.

Ele grita: tome um homem, raspa sua cabeça até ficar careca e puxa-o sobre uma pedra até que seu corpo morra.

Ele grita: arranque sua pele, põe sua cabeça no vaso de vidro.

E, antes que os servos gritassem, desceu uma nuvem e um fogo iluminou a noite.

E, antes que os servos gritassem, fechamos o livro dos vivos.

E eles se alegraram com a nossa partida, porque sobre eles havia caído o terror.

Os inimigos me auguram o mal. Os insolentes me caluniam.

Dizem: Quando morrerá e perecerá seu nome?

Hoje me visitam. Vêm com o coração acumulado de malícia.

Dizem mentiras, e quando vão embora, murmuram ofensas.

Dizem: uma doença maligna se abateu sobre ele, de onde jaz, não poderá levantar-se.





É noite. Da minha tenda, escuto.

Eles voltam e urram como cães, vagam pela cidade, em busca de alimento, ladram e não podem saciar-se.

Abandonam os cadáveres dos servos no pasto para os pássaros do céu, a carne dos infiéis aos animais selvagens.

Bebem o próprio sangue como água.

Vagam no deserto, e não encontram uma cidade onde morar.

É noite. Da minha tenda, escuto.

Que ao menos a escuridão me cubra, e em torno de mim faça-se a noite.